

Cibercultura e Evangelização – Sobre a ação pastoral no ciberespaço

Aluno: Alexandre Rangel

Orientador: Abimar Oliveira de Moraes

1. Introdução

Na nossa atual era o trabalho quando é presencial também se estende para o virtual. Empresas são construídas no que chamamos de ciberespaço¹, sem nenhuma estrutura física no mundo real, a não ser, é claro, a pessoa que interage com esse espaço. Cursos universitários inteiros podem ser feitos online e serviços são prestados ao público, bem como o lazer e inúmeras outras atividades. Relacionamentos são mantidos, prolongados e/ou iniciados na internet. Logo, a evangelização tal qual era realizada há pouco tempo por nossas catequeses não atinge mais as pessoas, muito menos os jovens que, segundo Pierre Lévy, são os principais artífices do mundo virtual.

No primeiro ano da pesquisa, o que buscamos foi identificar quem eram os principais usuários desse *novo mundo*, como eles o utilizam, de que forma o fazem e se este uso é capaz de interferir na vida daquelas pessoas que nunca utilizaram o ciberespaço, ou seja, se uma ação no *virtual* pode provocar alguma “re-ação” no *real*.

Além da pesquisa em livros e artigos, também a experiência adquirida na participação em seminários, congressos, assessorias e palestras foi levada em consideração, bem como a base de conhecimento construída por organizações não-governamentais que trabalham com a questão da inclusão social e cidadã das pessoas através do uso das TICs².

Experiências e ações já desenvolvidas por organizações cristãs no ciberespaço serviram para uma primeira consideração crítica do resultado que o uso das TICs por parte de instituições religiosas pode produzir de positivo e negativo no processo de evangelização na nossa atual era. Comunidades de relacionamentos, textos interativos, divulgação de vídeos e áudios cristãos na internet foram analisados, bem como um *blog* com informações teológicas foi criado para ampliar a pesquisa.

O que pretendemos com a pesquisa é identificar os principais atores (criadores e receptores) do atual processo de evangelização no ciberespaço, bem como, com base nos resultados das ações desenvolvidas por estes atores, indicar o que poderia vir a ser o uso maduro das TICs, principalmente da internet, para o anúncio do Evangelho dentro da atual dinâmica do que hoje chamamos de cibercultura³.

O segundo ano da pesquisa deveria ter apontado para a análise mais criteriosa de uma atividade prática, que deveria ter sido desenvolvida e acompanhada de maneira crítica por mim. Porém, no curso da pesquisa, identifiquei, com base em novas leituras e no *olhar atento*⁴ de novas práticas culturais e religiosas influenciadas pela cibercultura, mais especificamente pela dinâmica dos *coletivos inteligentes*, que a pós-modernidade, modernidade tardia,

1 Ciberespaço é um ambiente, uma nova realidade, uma mídia, um lugar artificial gerado por computadores, programas e pessoas, onde estas buscam, compartilham e geram informação e conhecimento, além de se comunicar umas com as outras, iniciar relacionamentos e realizar transações comerciais. Tudo isso de forma potencializada, pois a liberdade de movimento e a imaginação são maximizados nesse ambiente.

2 Novas tecnologias da informação e da comunicação: equipamentos e programas utilizados para comunicação, acesso e/ou troca de informação no ciberespaço.

3 Cf. LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, Editora 34, São Paulo, Brasil, 2000.

4 Cf. ESQUIROL, Josep M. *O respeito ou o olhar atento*, Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2008, p. 47-78, é um olhar que é *movimento de aproximação* que não tem sentido utilitarista, mas que respeita e aprende com o diferente. É um olhar que permite que se mantenha a distância necessária para não haja dominante e dominado, mas sim uma troca, um olhar e deixar ser visto, que se inicia através da *imagem* observada e se completa na *palavra interpeladora*.

hipermodernidade ou mesmo modernidade, começa a perder uma de suas características, o individualismo ou o hiperindividualismo. Esta percepção me levou à necessidade de um maior aprofundamento teórico, ainda que com *olhar atento* para as práticas sociais e religiosas resultantes do fim do individualismo, pois não seria correto ignorar esse novo comportamento social, já identificado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli.

Essa nova investigação acabou por revelar que seria pouco proveitosa a análise crítica de uma atividade prática, sem levar em consideração que as pessoas que dela participam não estivessem mais agindo de maneira individualista, mas sim de maneira coletiva, como poderemos observar.

A análise prática de uma atividade proposta e desenvolvida dentro do escopo da pesquisa fica adiada para uma futura investigação, que deverá ser capaz de fornecer ferramentas e propostas de ações concretas para uma *pastoral ciberculturada*. Por ora, nos preocuparemos em identificar com a clareza possível o novo *modus operandi* das novas práticas sociais e religiosas, potencializadas pelo uso das TICs, desse final de pós-modernidade ou, porque não, do início de uma nova *era* mais colaborativa e comunitária, e menos individualista.

2. Cibercultura

2.1. Definição

Podemos dizer que cibercultura é: uma nova forma de experimentar o saber, uma nova maneira de se relacionar e uma nova maneira de se comunicar. Então, também podemos dizer que ela é uma maneira criativa e nova de anunciar-comunicar a *Boa Nova*.

Não estamos mais no nosso espaço cultural nem na nossa realidade real, onde conhecemos amplamente as normas e regras naturais de funcionamento ou do jogo⁵. Isso acontece porque estamos nos deparando com *códigos* totalmente novos e diferentes daqueles que apreendemos. A realidade ainda é real, mas agora também participa do virtual.

Como toda cultura, a cibercultura também é uma expressão social de um grupo de pessoas e, por que não, de uma nova organização social. Segundo o teólogo Mário de França Miranda, cultura é “*uma totalidade complexa que abrange conhecimento, crença, arte, moral, costume, e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro da sociedade*”⁶. Ou seja, é todo conhecimento teórico e prático adquirido, presente e atuante nas práticas sociais de uma determinada sociedade ao longo de sua história. Porém, é um conhecimento que está em constante atualização e modificação, uma vez que todos os membros da sociedade estão em constante evolução, fomentados por novos fatores socioeconômicos e por novos elementos simbólicos (religião, cosmovisão, leis, etc), que resultam de mudanças globais e/ou do encontro ou choque de culturas.

O resultado da utilização das novas ferramentas da tecnologia da informação e da comunicação por quase todas as culturas é a criação de uma nova cultura nova. Eu não digo somente uma nova cultura, porque assim estaria atrelando esse novo conceito de cultura a velhas formas de conceituar cultura. Tradicionalmente qualquer cultura tem um referencial bem definido, um lugar, uma comunidade (povo), uma tradição, um conjunto de normas que, como nos diria Maria Luiza Silveira Telles⁷, seriam estruturas da sociedade, construídas pelos

5 No sentido de *Jogo da Linguagem*, onde o significado não é definido pela relação nome-coisa, mas sim pelo jogo. Logo, eu só posso determinar o significado de algo, se antes eu conhecer o conjunto de atividades, o contexto de uso da palavra. Ou seja, usar a linguagem (as palavras) é realizar uma atividade em um determinado contexto com um objeto específico (cf. WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo, 1999, § 7, p. 29 e § 82, p. 58).

6 FRANÇA MIRANDA, M. *Inculturação da Fé*, Edições Loyola, São Paulo, SP, 2001, p. 145.

7 TELLES, Maria Luiza Silveira. *Sociologia para jovens*, Editora Vozes, Petrópolis, 1993, p. 28. “A

indivíduos e que afetariam direta e decisivamente o modo de ser dos próprios indivíduos. Há ainda uma clara relação de proximidade que define a identidade cultural dos indivíduos de uma determinada sociedade, ou seja, uma estrutura delimitada e regionalizada.

A cibercultura não possui um referencial bem definido (específico), simplesmente se constrói no caos de culturas pré-existentes e a interferência dos indivíduos é mediada pelas TICs, não há uma ação humana direta como acontece nas outras culturas. Isto se dá por que todas as culturas que participam do ciberespaço, o fazem através de redes de comunicações, de grupos que intercambiam tradições e pluralidade de normas, ou seja, de redes que se constroem na relação e no respeito à diversidade, num espaço virtual ilimitado.

É nesse cenário que se constrói a cibercultura, não só como evolução de uma determinada cultura, mas também como encontro e choque de culturas. Isso acontece porque esta *nova cultura nova* não possui fronteiras, limites ou molduras, diferente de qualquer outro espaço, grupo ou gueto social existente na realidade natural. É uma nova sociedade, com uma nova dinâmica e com um *ethos sui generis*. Para mim, um espaço *caórdico* (ordem no caos), ou seja, aparentemente um espaço social virtual ordenado pelo caos. Minha intenção não é dizer que o ciberespaço seja um espaço da catástrofe, mas sim um lugar onde não há limites, fronteiras ou barreiras para o exercício da liberdade humana.

Essa nova cultura, a qual chamamos de cibercultura, é resultado da ação criadora do ser humano. Quando Pierre Lévy chamou-a de nova dinâmica comunitária, interativa e colaborativa, composta de pessoas, equipamentos de alta tecnologia e da rede mundial de computadores, ele identificou aí um novo espaço cultural, virtual e aparentemente ordenado pelo caos.

Teoricamente, onde há caos há somente desordem. Porém, no mundo virtual não estamos mais presos às estruturas lógicas e cartesianas da modernidade, onde para tudo há *razões claras e evidentes*⁸, quase matemáticas. Pelo contrário, as estruturas virtuais funcionam mais de acordo com a lógica da mecânica quântica, onde o “e/ou” é possível, pois nem sempre há uma única solução *clara e evidente*, mas várias possibilidades paralelas, distintas e válidas ou verdadeiras. No espaço virtual, se pegarmos um evento final e buscarmos todos os fenômenos desconexos, que não necessariamente sejam causa-efeito⁹, que o tornaram possível, estaremos estabelecendo uma nova ordem no caos.

Para exemplificar e para mostrar o quão totalmente outra cultura é a cibercultura, vamos pensar em algo prático. Um pessoa, ao acessar um sítio na internet com a intenção de buscar informações sobre teologia sistemática, clica em vários *links* e *sub-links*, navegando por informações diversas que acabam levando-o para um novo assunto, que apesar de distinto do seu foco inicial ainda está de alguma maneira com ele relacionado. A pessoa então resolve aprofundar-se mais neste *novo*, a ponto de torná-lo o objeto de sua busca. E o caos ocasionado pelo encadeamento de *links* na busca de informações sobre teologia sistemática foi ordenado pela nova informação encontrada. Informação nova que só encontra ordem nessa pessoa, no encadeamento de *links* feito por ela, realizado e viabilizado por sua *navegação*, que provavelmente seria um caos para qualquer outra, um caminho sem lógica alguma. Porém, é justamente a existência desse caos de *links* que torna possível a instituição da minha ou da sua ordem no mar de conexões existentes na internet.

Logo, a *caordicidade* é uma característica desse espaço, porque nele existem várias maneiras de organizar a informação e a busca, porque existe a minha maneira de ordenar, que não é a sua nem a de outra pessoa, ainda que busquemos pela mesma informação, no mesmo lugar e no mesmo instante, na maré de informações que é o ciberespaço. Digo isso porque o

personalidade do indivíduo vai emergir, portanto, não só do contexto social, mas de um contexto social específico”.

8 DESCARTES, René. *Discuso sobre o Método*, Hemus-Livraria Editor, São Paulo, 1978, p. 41.

9 Cf. KANT, I. *Crítica da Razão Pura*, Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo, 1999.

*hiperdocumento*¹⁰ com seus *links* dentro de *links* e *sublinks*, possibilita *n* vias de acesso à mesma informação. Vias que não estão ordenadas (determinadas), mas que estão soltas (livres) no caos do ciberespaço, esperando serem ordenadas pelo caminhar dinâmico e interativo de cada pessoa.

Neste novo espaço, nos movemos através de uma lógica aleatória e não mais linear. Somos interpelados por um novo *ethos*, um novo código de conduta relacional, que nos impele a buscar-querer-conhecer novas formas de agir e de se comunicar. Por isso, nem sempre a minha *boa ação-intenção* na realidade real será uma *boa ação-intenção* na realidade virtual, porque estas são realidades distintas, apesar de complementares. Ações produtivas, afetivas, racionais ou evangelizadoras do real, quando clonadas para o virtual, provavelmente produzirão resultados distintos.

Como podemos perceber, definir cibercultura é algo não só complexo, como também efêmero, ou como diria Zygmunt Bauman é uma definição “líquida”, uma vez que a cibercultura é uma cultura em constante metamorfose, ampliação, mudança, transgressão e complementação, ou seja, uma cultura em constante movimento, uma cultura-fluxo.

Pierre Lévy assim definirá cibercultura:

*A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração.*¹¹

2.2. As tecnologias

O ciberespaço¹² é um ambiente imaginário e ao mesmo tempo real, pois transpassa as fronteiras do virtual, transforma e modifica a realidade real. A interferência do virtual no real é causada pela capacidade da pessoa humana de acessar através deste espaço, culturas distintas da sua, informação e conhecimento que estão armazenados em vários pontos (nós ou *comunidades virtuais*¹³) e aplicá-los a sua vida. Essas comunidades funcionam como células com vários tentáculos, onde cada um deles está conectado a outras células, formando uma rede viva, que por sua vez, através desses mesmos tentáculos, se conecta a outras redes vivas.

Então, é a minha ação-interferência na utilização desse novo espaço e da ferramenta que possibilita o meu acesso a ele que irá defini-lo como algo bom ou ruim. Nenhuma tecnologia, seja esta qual for, poderá ser considerada origem de um comportamento humano mau ou bom, porque é justamente a ação-interferência boa ou má da pessoa que irá definir o ciberespaço como algo bom ou ruim.

Se fosse possível atribuir valores morais para este espaço ou para suas ferramentas, poderíamos admitir que os *gadgets* eletrônicos atuais (celulares, palmtops, notebooks, etc)

10 Hiperdocumento é um documento composto por texto, imagens e *hiperlinks*, que são ligações de um item desse à outros arquivos. Este *link* ou ligação pode levá-lo a um texto, uma imagem, um som, um vídeo ou a outro hiperdocumento, através do seu endereço na internet (ou rede). Quando selecionado pelo clique do mouse, nos leva para o assunto desejado, mesmo que este esteja em outro arquivo ou servidor, em outro país ou continente.

11 LÉVY. *Cibercultura*, p. 130.

12 Cf. LÉVY, Pierre. *Inteligência Coletiva*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2003, p. 104: “Palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O ciberespaço designava ali o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”.

13 Grupo de pessoas, ligadas por interesses comuns, que se reúnem no ciberespaço ou que frequentam os mesmos sites.

seriam efetivamente dotados da capacidade de fazer juízos sobre as outras coisas e até mesmo sobre as pessoas. É o mesmo que admitir a possibilidade de que o anti-deus (aquele que destruirá a criação de Deus) será uma tecnologia desenvolvida pelo próprio ser humano, dotada da capacidade de destruir, por vontade própria, toda a humanidade.

A tecnologia que nos permite acessar e navegar pelo ciberespaço é chamada de internet. Pierre Lévy, no seu livro *Cibercultura*, irá definir a internet como um movimento social-virtual-real liderado pela juventude metropolitana escolarizada e ávida por experimentar uma nova maneira de se comunicar, de muitos-para-muitos (todos-todos¹⁴).

A priori esta interconexão para a interatividade que a internet proporciona é supostamente boa, independentemente de lugares, culturas, pessoas ou equipamentos. Isso porque ela é capaz de aumentar, quantitativa e qualitativamente as oportunidades de convívio social, econômico, político e religioso. Porque é capaz de produzir e armazenar bases de conhecimento coletivo que, apesar de virtuais, podem potencialmente ser acessadas por qualquer pessoa e em qualquer lugar. E também porque é capaz de prolongar (não de substituir) determinadas capacidades cognitivas humanas, como por exemplo: a memória, a imaginação e a percepção, o que nos mostra que o virtual é tão real quanto o que consideramos ser *real*, pois assim como nossas faculdades cognitivas podem apropriar-se da realidade real, também, e da mesma maneira, apropriam-se da virtualidade real.

A internet é uma técnica, uma poderosa ferramenta da e para a informação e a comunicação na atual sociedade informacional e comunicativa em que vivemos. E uma técnica não é boa nem má, tampouco neutra, porque os possíveis usos desta serão estabelecidos por alguém (por uma pessoa) ou pela dinâmica de uso dos coletivos (grupos de pessoas) que dela se apropriam. Como vamos utilizá-la é uma escolha que todos nós fazemos a cada clique do mouse.

A cibercultura é uma cultura dentro de outras culturas, que nasce da relação entre elas, através do uso da internet. Podemos dizer então, que ela é um corte cultural horizontal que, potencialmente, atinge a todos, sem distinção de classes, etnia, saberes ou gênero. É algo capaz de quebrar paradigmas e de romper drasticamente com o passado recente, provocando desconforto, reações distintas e radicalmente negativas. Nada que já não tenhamos observado outrora, como por exemplo o surgimento do telefone. Quando foi posto em uso, causou em muitas pessoas quase a mesma reação fóbica que presenciamos com o surgimento da internet em algumas pessoas e/ou grupos sociais.

A internet não é muito diferente, mas além de proporcionar a ampliação das possibilidades de comunicação virtual e da realização de reuniões presenciais – na realidade real –, ainda oferece a oportunidade para a interação virtual e real entre pessoas que, talvez, jamais viriam a se conhecer.

As diferenças entre o telefone e a internet são muitas, mas o *problema* ainda é o mesmo que ocorreu em 1920. Estamos sempre tão empenhados em revelar o mal que o novo pode produzir que sempre nos esquecemos de revelar a *Boa Nova* que também podemos fazer acontecer no que acaba de ser inaugurado.

2.3. Os atores e alguns indicadores

Digo atores porque, diferentemente das mídias tradicionais, onde existem fornecedores e receptores de informação e conhecimento bem definidos, no ciberespaço qualquer um, qualquer uma, pode ao mesmo tempo fornecer e receber informação e conhecimento de maneira dinâmica e interativa.

Para ser um ator nesse novo espaço cultural é necessário, além dos equipamentos tecnológicos, um saber específico: como participar do mundo virtual, ou melhor, como saber

14 LÉVY. *Cibercultura*, p. 105.

produzir, receber e encontrar informação, conhecimento, trabalho, estudo e lazer. Com isso, podemos perceber que apesar de ser possível a todos e todas o acesso ao ciberespaço através da rede mundial de computadores, alguns poucos são capazes de utilizar as potencialidades que esse novo espaço oferece com suas novas ferramentas.

Para Lévy, o desejo por experimentar uma nova maneira de se comunicar, trocar e compartilhar saberes faz da juventude metropolitana escolarizada a primeira atora dessa nova cultura.

Para André Telles, esses atores são a “geração digital”, independente de escolaridade e/ou idade, são “as pessoas que estão interligadas em rede, colaborando na troca de informação (...) e que são fortemente influenciadas pela evolução tecnológica”.¹⁵

Para Andrew Keen, um crítico dessa nova cultura descentralizada, democrática e livre, são “Os macacos infinitos¹⁶ (...), usuários da internet que ao em vez de criarem obras-primas (...) – muitos sem mais talento nas artes criativas que nossos primos primatas – estão criando uma interminável floresta de mediocridade. (...) Introduzindo informação na internet e sendo governados pela lei do darwinismo digital, ou seja, pela sobrevivência dos mais ruidosos e mais dogmáticos”.¹⁷ São usuários que estão produzindo mentiras e roubando a propriedade intelectual de outrem. Pessoas que estão copiando e colando material de outros como se fossem seus, em *blogs* e comunidades virtuais, na chamada Web 2.0.¹⁸

Como podemos observar, não é fácil definir os atores dessa nova cultura. Eu apostaria numa mistura aleatória e sinérgica, que contemple todos os atores mencionados anteriormente. Ou seja, todos que têm acesso ao ciberespaço e foram capacitados no uso de suas ferramentas. Porém, o mais importante é saber que na atual sociedade uma boa parte das pessoas não só faz uso da internet como também parece já ter se estabelecido num *lugar virtual*.

Mesmo pessoas que não residem em áreas urbanas ou que não possuem condições financeiras para adquirir os recursos tecnológicos necessários para acessar o mundo virtual, o fazem do trabalho, da escola, de *lan houses* ou mesmo de telecentros comunitários¹⁹.

Segundo a ONG Sociedade Digital (SOCID), 63,9% das pessoas que procuram o telecentro para utilização e/ou capacitação são pessoas entre 15 e 30 anos de idade, 75,9% estão cursando ou completaram o Ensino Médio e 79,8% possuem renda familiar de R\$ 300,00 a R\$ 1.000,00.

Segundo o Instituto Datafolha:

O número de internautas brasileiros chegou aos 64,5 milhões em agosto de 2008 – 5,5 milhões a mais do que o número registrado no primeiro semestre do ano. (...) 28% acessaram a rede a partir de locais públicos (...); 21% de

15 TELLES, André. *Geração Digital*, Editora Landscape, São Paulo, Brasil, 2009, p. 23.

16 Macacos infinitos, segundo Andrew Keen, são personagens do “teorema do macaco infinito” do biólogo evolucionista do século XIX, T. H. Huxley. Ela dirá que: “Segundo a teoria de Huxley, se fornecermos a um número infinito de macacos um número infinito de máquinas de escrever, alguns macacos em algum lugar vão acabar criando uma obra-prima – uma peça de Shakespeare, um diálogo de Platão ou um tratado econômico de Adam Smith”.

17 KEEN, Andrew. *O Culto do Amador*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2009, pp. 8-18.

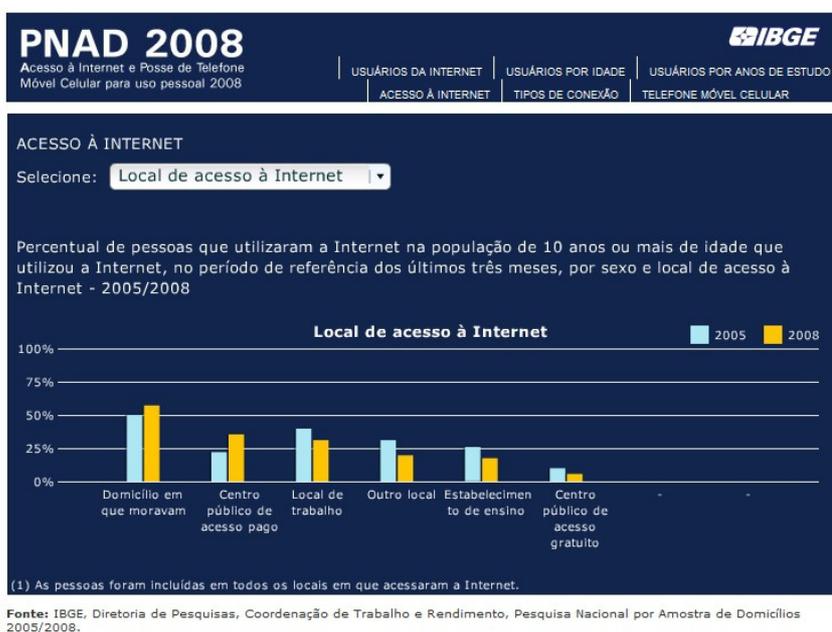
18 Mudança de paradigma da utilização da internet. Com o conceito Internet 2.0 ou Web 2.0, a internet deixa de ser apenas um meio que replica outros meios de comunicação e passa a ser um local propício para a geração de bases de inteligência coletiva-colaborativa e livre, onde o usuário (a pessoa) passa a ser receptor-fornecedor de informações, deixando de ser apenas um expectador passivo. Ele agora tem o poder para interagir.

19 É um espaço comunitário com computadores conectados à internet, para uso livre e gratuito da comunidade onde está instalado, sendo gerenciado por atores sociais locais e montados através de projetos sociais apoiados por governos municipais, estaduais e federal, bem como através de financiamentos de terceiros (fundações, empresas, ONGs, etc).

computadores de amigos ou parentes; 13% do ambiente de trabalho; e cerca de 10% a partir de faculdades e universidades.²⁰

A pesquisa realizada pelo PNAD-IBGE também apresenta números semelhantes ao Instituto Datafolha, colocando o acesso público à internet em segundo lugar. São pessoas que, por estarem em trânsito ou por não possuírem acesso à internet na residência, buscam espaços públicos para fazê-lo, o que nos leva a crer que muitos daqueles que participam da vida eclesial também fazem uso de espaços públicos de acesso à internet para obter informações e preparar material para palestras, cursos e retiros.

Estes *espaços públicos de acesso à internet* deveriam fazer parte também da vida eclesial e da pastoral. As estruturas institucionais da Igreja deveriam comportar estes espaços e propiciar algum tipo de capacitação, para que as pessoas que a constituem e atuam na pastoral pudessem não só aprender a buscar informações mas, também, a produzir conteúdo de qualidade para anúncio do Evangelho.



Ou seja, o ciberespaço é um lugar democrático e da pluralidade, onde qualquer um, qualquer uma, pode ser ator: eu, você, minha mãe (que toda noite, fielmente, verifica sua caixa de correio eletrônico e acessa seus sites prediletos), algum morador da comunidade que existe no final da rua onde resido, professores, as juventudes metropolitanas, os aficionados pelas TICs, os macacos infinitos, empresas, instituições, ONGs e outros tantos mais.

3. Evangelização

3.1. Definição

Evangelizar é anunciar a *Boa Nova*, o Evangelho de Cristo para a humanidade toda, como nos apresenta o evangelho de Marcos: “*Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura*” (Mc 16,15). Porém, esse anúncio deve ser *querigmático* e *mistagógico*, ou seja, deve comprometer todo o ser da pessoa que transmite a mensagem salvífica contida nos Evangelhos. Deve ser testemunho de fé vivida na comunhão (*koinônia*) simbolizada na partilha do pão eucarístico, realizada na assembleia reunida (*ekklesia*) em nome de Jesus

²⁰ TELLES. *Geração Digital*, pp. 25-26.

Cristo. Pão que é presença real de Cristo e que permite que os membros da assembleia se coloquem em comunhão com Deus, que ao se fazer presente no pão partilhado, nos revela a intenção comunitária, universal e relacional da salvação.

Somos então chamados a viver essa fecunda relação com Deus no outro, na assembleia reunida para partilha do pão, que deve ser expressão e ápice da partilha vivida na vida social e comunitária da qual Jesus Cristo é o modelo a ser seguido, o nosso modelo de humanização.²¹ Ele se relacionou profundamente com o Pai, consigo mesmo, com a comunidade (com o outro) e com a natureza.

Logo, Jesus Cristo também é nosso modelo para evangelização e, por isso, devo buscar sempre evangelizar como ele. Devo, assim como ele, estar sempre em comunhão com Deus, comigo mesmo, com a natureza e com o outro. Para isso é necessário que eu tenha contato real com o outro, conforme nos revela o Jesus mateano: “*Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles.*” (Mt 18,20).

Podemos dizer então que evangelizar é transmitir a fé [de e em Jesus] de uma geração para outra, não pela teoria, mas sim pela via da experiência existencial, salvífica e pessoal que fazemos de Deus. É transmitir o que experimentamos de salvação para uma outra geração, sabendo que somente quando esta aceita e acolhe essa experiência é que podemos afirmar que houve uma evangelização e que se iniciou um processo de conversão. Não estou me referindo aqui a conversão para uma ou outra denominação cristã, mas sim a uma *virada copernicana* da vida da pessoa que faz a experiência do Deus de Jesus de Nazaré. É uma mudança do centro da pessoa, da totalidade da pessoa, que agora se encontra orientada em direção ao próximo. É uma mudança de vida, orientada pelo Espírito Santo, que abarca mente e coração, razão e sentimento (*metanoia*, cf. Mc 1,15; Rm 2,4), que é “*mudança concreta de mentalidade, comportamento e atitudes*”.²²

A pessoa *convertida* é agora discípula missionária, porque assumiu para si a missão de Jesus de Nazaré, que é a de anunciar a *Boa Nova do Reino*. Esse anúncio, porém, não é apenas realizado através de palavras rebuscadas, textos bem construídos e boa oratória, mas é, fundamentalmente, ação concreta diante da vida vivida. É testemunho (*martiria*, cf. Jo 8,18; 21,24) em primeiro lugar e verbalização *a posteriori*. É assumir para a si a pastoral de Jesus e deixar o sangue dele correr em suas veias, fazendo da sua vida o Evangelho. Pois é somente pela ação do Espírito em mim e das ações e gestos humanos de Jesus de Nazaré, que posso conhecer-acolher a mensagem salvífica anunciada por Jesus Cristo.

Podemos dizer então, que evangelização é anúncio-testemunho para o outro. Evangelizar é se deixar alicerçar no Evangelho – Jesus viveu voltado para o outro, descentrado de si – e viver voltado para a missão, que deve se traduzir na ação pastoral concreta²³ de toda pessoa que se orienta por uma *atitude fundamental cristã*. Atitude que é constituída de *opções concretas* em favor do outro. Evangelizar é, no seu mais íntimo, vivenciar o amor de Deus (*Agape*) através do *amor humano autêntico* experimentado na relação com o outro, simplesmente porque ele é pessoa, ser humano livre,²⁴ criatura amada por Deus como eu e você.

21 Cf. GARCÍA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade*, Editora Paulus, 2006, pp. 200-213.

22 Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Carta de Paulo aos Romanos – Educar para a maturidade e o amor*, Mazzarolo editor, Rio de Janeiro, 2006, p. 48.

23 A convocação para uma ação pastoral é também, e simultaneamente, convocação para o estudo e para oração da Sagrada Escritura e dos documentos base da Tradição da Igreja. Eu gosto de fazer uma referência *trinitária* para essa convocação, onde o Pai se faz presente pelo estudo e pela fé, o Filho pela ação pastoral-evangelizadora vivida na vida concreta, e o Espírito Santo na oração (*Dap* 100c, 347 e 372).

24 Cf. FRANÇA MIRANDA, M. *A Salvação de Jesus Cristo – A doutrina da graça*, Edições Loyola, São Paulo, SP, 2004, pp. 125-135.

3.2. É possível a evangelização na cibercultura?

Os desafios para uma evangelização ciberculturada não são pequenos, mas *a priori* eu diria que não só é possível como é urgente e necessária. Ou nos fazemos presentes no novo mundo que se descortina na atual sociedade, que chamamos de mundo virtual, ou estaremos automaticamente nos excluindo do futuro da história da humanidade. A fé cristã não só nasce de uma fé judaica já inculturada e marcada pela interação com outras culturas (egípcia, mesopotâmica e cananeia)²⁵, como ela própria também apresenta elementos da fé e da cultura helenista – elementos que são utilizados para traduzir o dado revelado de maneira que fosse compreendido e acolhido pelos judeus da diáspora e pelos pagãos.

*O que uma geração transmite para outra não é primeiramente a doutrina, mas a fé viva em Jesus Cristo como Salvador. Essa fé resulta da ação do Deus vivo por meio do seu Espírito, acolhida livremente pelo ser humano. Este encontro constitui uma experiência de sentido, de plenitude, de salvação. Porém ela não pode prescindir da linguagem do contexto que determina que o fiel entende por sentido, plenitude e salvação.*²⁶

A cultura cristã pode e deve adaptar-se à cibercultura (interculturalizar-se), se deseja que a fé cristã seja verdadeiramente conhecida e acolhida por qualquer integrante desta nova cultura. Assim como os apóstolos o fizeram para comunicar a *Boa Nova* para todo o ocidente na Igreja nascente. Paulo no meio dos judeus se fez judeu, no meio dos gregos se fez grego.

*A herança transmitida pelos apóstolos foi diversamente acolhida e, por conseguinte, explicada de maneiras diversas nas várias Igrejas, em virtude da diversidade e maneira como cada um entendia e das circunstâncias em que vivia.*²⁷

Assim, quando transpomos a revelação para categorias culturais distintas da cultura ocidental-cristã, não só possibilitamos que a fé cristã seja acolhida pela nova cultura, como também damos origem a uma *nova criação*, a uma nova maneira de ser comunidade, mesmo que virtual, mas agora marcada pelo conhecimento e acolhimento da fé em Jesus. Esta nova forma de expressar o Evangelho não só enriquece essa nova cultura (cibercultura), como também atualiza e enriquece a Igreja universal, criando novos gestos, símbolos e nova linguagem para o anúncio do Reino, permitindo que a *Novidade* possa alcançar mais pessoas. Mesmo Jesus esvaziou-se da sua condição divina para assumir categorias humanas, a fim de comunicar-se através da linguagem e experiências próprias do ser humano.

*A fé cristã, por sua vez, é sempre fé de alguém que captou e acolheu o gesto divino como tal, o que sempre acontece no interior de uma cultura determinada. Portanto, toda fé é necessariamente fé inculturada.*²⁸

A internet pode e deve ser um meio complementar e potencializador para evangelização, porque é esse meio de comunicação interativa, dinâmica e síncrona que a nossa juventude-atual-real faz uso para discutir, aprender, ensinar, investigar, contestar, estabelecer laços e para ampliar a sua realidade real. O real para o jovem é a realidade e a virtualidade, por isso, se

25 Podemos atestar isso nos diversos textos bíblicos do Primeiro Testamento, onde lendas, costumes e sabedorias de outras culturas são atualizadas pela fé no Deus único de Israel, como por exemplo: a lenda de Jó (Jó 1-2.42,7-17), o poema da mulher forte do livro dos Provérbios (Pr 31,10-31), entre outros.

26 FRANÇA MIRANDA. *Inculturação da Fé*, p. 19.

27 UR 14.

28 FRANÇA MIRANDA. *Inculturação da Fé*, p. 63.

não formos capazes de nos inserir no virtual, também não seremos mais capazes de nos comunicar com essa juventude metropolitana escolarizada (urbana ou rural), atual e real.

“*Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura.*” (Mc 16,15). A internet é somente uma nova linguagem – por vezes uma nova língua também –, mas nos permite, potencialmente, a possibilidade de ir, verdadeiramente, por todo o mundo e anunciar a *Boa Nova* para toda a criatura de uma nova e criativa maneira (“*os que tiverem crido (...) falarão em novas línguas*”, cf. Mc 16,17).

A internet veio para ficar e para interpelar nossa fé e nossa tradição. Pois apesar do grande potencial comunicativo ela também está alicerçada sobre a descentralidade da hipermodernidade²⁹, que fragmenta, divide e pulveriza o dado da fé. Agora, como meros dados aleatórios, as práticas simbólico-religiosas são oferecidas através de portais que transformam a fé em um produto lucrativo, seguindo a lógica mercadológica neoliberal, ou em um desejo mágico, infantil e individual. Através destes portais é possível acender velas virtuais, rezar o terço ou mesmo comprar tijolos virtuais para construção de uma nova capela. As pessoas catequizadas com essas orientações acreditam que podem viver sua fé [cristã] em casa, sem a necessidade da comunidade real e do *encontro pessoa-pessoa*.³⁰

O que devemos fazer? Fingir que a cibercultura, o ciberespaço e a internet não existem? Repetir que são coisas ruins? Na minha opinião, nada disso irá contribuir para evangelização dessa nova juventude conectada e tribalizada, nem para o amadurecimento da fé das mais de 64,5 milhões de pessoas que já possuem lugar cativo na internet. Ou nos inserimos nessa nova cultura nova, a fim de promover, incentivar e fomentar o encontro pessoal, fraterno e solidário na realidade real, que tem Cristo como modelo de humanidade, ou estaremos contribuindo para que a internet continue a ser um lugar da impessoalidade, das sensações rápidas e indolores e do desencontro pessoa-pessoa, onde a comunhão do encontro pessoal dá lugar à competição de acender velas com o clique do mouse.

3.3. Identidade ou identificação?

Um dos desafios a ser enfrentado é o relacionado com a identidade do internauta que na maioria das vezes é substituída por uma ou várias identificações ou mesmo por uma identidade pronta. O internauta tem a possibilidade de utilizar diferentes *máscaras* em diferentes ambientes, o que pode frustrar a possibilidade do encontro pessoa-pessoa, favorecendo o encontro pessoa-coisa ou coisa-coisa.

A metáfora da máscara não quer mostrar aqui o simples fato de se encobrir o rosto ou a identidade, mas sim a possibilidade real que alguém tem de se tornar uma outra pessoa ou outras pessoas (mutantes virtuais), com características diversas e/ou ampliadas (manipulação genética virtual). Em plena era virtual eu posso mudar meu caráter, idade, sexo, preferência sexual, religião, país, cidade, cor, enfim, posso trocar de identidade, assumir para mim outra identificação ou pegar uma identidade pronta e tentar ser outra pessoa, quem eu quiser ser. Será que não teremos mais identidade na nova configuração social biotecnológica? “*Quem sou eu? E quem é você?*” Serão perguntas que ficarão sem resposta?



A internet potencializou esta possibilidade, pois nos permitiu uma mobilidade e mutabilidade virtual, que antes não seria possível. Não estou dizendo que esta mudança social

²⁹ Hipermodernidade é um conceito desenvolvido pelo filósofo Gilles Lipovetsky para identificar a nossa atual *era*. Segundo ele vivemos uma crise da era moderna, onde alguns valores modernos encontram-se exacerbados e/ou deformados.

³⁰ Cf. GARCÍA RUBIO. *Unidade na pluralidade*, p. 447.

real se deu em função da internet, mas sim que foi potencializada e ampliada por esta ferramenta. No virtual, ou seja, no *Orkut*, *MSN*, *Skype*, *Second Life*, *Star Wars Galaxies*, entre outros, posso ser o presidente dos EUA, a Madonna, ou quem eu desejar, até uma *quimera*.

Na atual sociedade podemos perceber que o número de pessoas que se dizem pertencentes a um determinado grupo social é cada vez menor. Somos cada vez mais cidadãos e cidadãs de lugar nenhum – de nenhum lugar e ao mesmo tempo de todos os lugares. Como diria Bauman, a “*modernidade líquida*” promoveu a criação de *identidades líquidas*.

Esta efemeridade parece, *a priori*, algo bom e ao mesmo tempo sinônimo de liberdade. Mas, justamente, por ser algo passageiro, temporário, volátil e instantâneo, esvazia qualquer preceito de alteridade, humanidade, responsabilidade ou identidade. Tudo é automático e autocêntrico, só diz respeito ao desejo da pessoa, que pode caminhar de um lugar para o outro e/ou de uma identificação para outra, aproveitando apenas o que cada um e cada uma possui de bom, de útil a lhe oferecer. É como se esta pessoa estivesse de volta ao caos primordial e ali, no início de tudo, fosse escolhendo somente aquilo que desejasse: nada de “cobras falantes”, solidariedade, alteridade, amor ao próximo. Inclusive, poderia também eliminar da história humana, esse negócio de sagrado. Pronto! Mundo particular-proprietário configurado, com patente registrada e pronto para *rodar*.³¹

Esta pessoa, agora um *deus criador*, criou somente aquilo que desejava, manipulou tudo e todos, ou seja, além de ter se colocado no lugar do sagrado que tentou eliminar, tornando-se o próprio transcendente, caricaturou em si mesma a imagem de um deus perverso e manipulador, que não admite a possibilidade da liberdade para nenhuma de suas *criaturas*. Uma sociedade estabelecida na centralidade de uma pessoa-criadora, ou seja, um teocentrismo antropomórfico, pois é a pessoa mesmo que é o deus criador do seu próprio mundo particular-proprietário e registrado. Se este fosse o comportamento de todo internauta, o futuro poderia vir a ser um mundo sem alteridade, humanidade ou responsabilidade, enfim, uma sociedade sem respeito algum, sem identidade. Todavia, “*todos concordam facilmente em que a sociedade humana é impossível sem respeito algum. Certamente nenhum de nós estaria aqui agora se, em geral, os filhos não tivessem tido nenhum respeito a seus pais; se as leis e os costumes só houvessem sido objeto de trapaça e menosprezo, se não se respeitassem os lugares e instituições públicas... e, em suma, se ninguém respeitasse nada e ninguém.*”³²

As TICs não devem servir apenas como instrumentos de mutabilidade, movimento constante, caótica comunicação ou perda de identidade. Pelo contrário, deveriam ser capazes de promover a aproximação das pessoas, dar visibilidade a todas as culturas e religiões, além de possibilitar o diálogo à distância, tão escasso numa era que se propõe a dialogar, justamente porque não aceita nenhum conceito ou pré-conceito como verdade absoluta.

Estas ferramentas fomentaram a criação de um novo espaço cultural, a cibercultura. E como toda cultura, é capaz de motivar mudanças em todos nós, assim como devemos também ser capazes de promover mudanças nela. Com o intuito de contribuir para essas transformações, no dia 15 de janeiro de 2009 solicitei ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br - www.cgi.br) a criação de um novo Domínio de Primeiro Nível (DPN), o TEO.BR, que em vez de esconder a identidade de teólogos cibernéticos, os coloca em evidência. Solicitação feita e inicialmente acolhida por dois membros do CGI.br: Carlos Afonso e Gustavo Gindre (representantes do terceiro setor), e posteriormente acolhida por todo Comitê, culminando com a liberação deste DPN no dia 16 de fevereiro de 2009.

A identidade não é algo que possuímos, mas algo que vamos construindo ao longo da nossa existência, através das experiências que vivenciamos e das respostas, traduzidas em gestos, ações e palavras que colocamos em prática, em nossas autênticas relações humanas. O

31 *Rodar* é uma metáfora utilizada para dizer que um programa de computador está em execução.

32 ESQUIROL. *O respeito ou o olhar atento*, p. 15.

que podemos observar nos dias de hoje é que as juventudes de diferentes culturas se utilizam cada vez mais das experiências virtuais para moldar suas identidades.

4. A revolução silenciosa do coletivo virtual

4.1. Identidade coletiva

Em meio a uma possível crise de identidade e de um possível hiperindividualismo, observamos o crescente fenômeno das redes de relacionamento como, por exemplo: o *Orkut*; o *Facebook*; o *LinkedIn*; entre outros, que silenciosamente trazem o aspecto coletivo de volta à cena. Num mercado extremamente competitivo, a *potência* do individual abre espaço para o *ato* do coletivo.

Na filosofia aristotélica, a *potência* é a real capacidade de alguma coisa vir a ser em *ato*, ou seja, para Aristóteles o ser se apresentava de muitas maneiras: o *ser-em-potência*, bem como o *ser-em-ato*. O *ato* é a perfeição porque não possui mais movimento, está completo. A *potência* pode sofrer alguma corrupção, porque ainda é afetada pelo movimento, e pode não atingir a perfeição do *ato*. Por exemplo, a semente é a *potência* da árvore e a árvore é a semente em *ato*, mas a semente pode morrer (se corromper) e não alcançar a sua finalidade.

Podemos dizer então, que nessas comunidades virtuais de relacionamento o individual é o coletivo em *potência* e que os coletivos, as redes, gerados pelo dinamismo comunicativo e colaborativo de seus integrantes é o individual em *ato*.

Essa identidade coletiva-comunitária que agora podemos perceber na internet não é exclusividade da cibercultura e já foi identificada na sociedade pós-moderna pelo sociólogo Michel Maffesoli. Para ele, o individualismo é substituído pela necessidade de identificação com um ou vários grupos, que ele rotula como *tribos*. É na cibercultura que essa cultura pós-moderna encontra um campo fértil para se proliferar. Pois a internet é a ferramenta capaz de potencializar o surgimento de uma grande quantidade de *tribos*, de ampliar as existentes e de dar voz e oportunidade de participação para todas elas na atual sociedade. Há um claro retorno ao coletivo-comunitário, uma evidente necessidade de pertença a uma ou mais comunidades, mesmo que sejam comunidades diferentes das de outras épocas.

O comunitário não é mais definido pelo contratual, pela tradição, pelo espaço regional, mas pela busca de um interesse comum e de um saber-viver (*savoir-vivre*), que lhe confere uma certa virtualidade e efemeridade. Uma vez que o interesse deixe de ser comum e que o prazer de se estar no coletivo se exaure, a *comunidade tribal* deixa de existir tão rapidamente quanto seus integrantes passam a participar de outra ou de outras.

Hoje, não adianta apenas existir, você tem que ter visibilidade a partir das novas mídias, pois não há mais uma identificação política, ética, afetiva ou religiosa totalitária. O que vale é a diversidade predominantemente existente nas diversas *tribos urbanas*. Estar na *tribo* não é seguir uma norma, mas se identificar com o que ela é, mesmo que essa identificação seja efêmera. A *tribo* é a *forma* de uma emoção coletiva que orienta as vontades individuais, e o cimento que as une é o prazer de estar junto.³³

A *comunidade tribal* é construída com base nas experiências dos indivíduos que dela participam, assim como a comunidade que chamamos de Igreja é edificada pela experiência pessoal de amor que fazem comunitariamente seus participantes. Experiência que tem como fundamento, ápice e finalidade o *encontro com Jesus Cristo vivo*, com o Cristo da fé. Experiência que é ação da graça, motivada e entusiasmada pela ação do Espírito Santo, mas que também é prazer de estar em comunhão com o Cristo da fé.

As primeiras comunidades cristãs também se reuniam por causa de um interesse comum, de um estar em comunhão com Jesus Cristo. Logo, esse retorno da comunidade que

33 MAFFESOLI, Michel. *O Elogio da Razão Sensível*, Vozes, Petrópolis, 1998, pp.103-106.

se reúne em torno de um elemento de interesse comum deve ser algo que nos provoque, que nos convoque à missão nas *comunidades tribais*, na cibercultura, no ciberespaço e na internet. Essa nova maneira de ser comunidade é também nova e atual possibilidade de se viver uma fé que é essencialmente comunitária, como é a fé cristã.

Maffesoli diz que estamos no *tempo das tribos*, mas para a Igreja eu diria que estamos no *tempo das igrejas virtuais-locais*.

4.2. Inteligência coletiva

Na década de 80 surge o primeiro ensaio de uma cibercultura, a telemática. Um “fenômeno econômico e cultural: redes mundiais de universitários e pesquisadores, redes empresariais, correios eletrônicos, ‘comunidades virtuais’ se desenvolvendo sobre uma base local, acesso direto a bases de dados”,³⁴ que possibilitaram a criação das primeiras bases de conhecimento compartilhado e cooperativo (*knowledges bases systems*).

Estabelece-se, com a popularização dos PCs (*Personal Computers* ou computadores pessoais), uma interconexão de redes e aumenta-se exponencialmente a cooperação humana anárquica, virtual e liderada pelos jovens. Isto descortina a possibilidade real de uma renovação da engenharia dos laços sociais [e religiosos] e da construção de um novo espaço social-comunicativo, aberto e colaborativo, onde os grandes problemas da humanidade pudessem ser debatidos. A colaboração de muitos para muitos, de maneira desinteressada, que ocorre nas *comunidades virtuais*, abre espaço para laços sociais mais fraternos e comunitários.

E qual será a perspectiva antropológica para uma sociedade informacional, virtual e sem fronteiras? Segundo Lévy, voltamos a ser nômades. O povo eleito do Primeiro Testamento, que saiu em busca da terra prometida, “terra onde corre leite e mel” (cf. Ex 3,8; Nm 14,8; Dt 11,9; Jr 11,5; Ez 20,15) também o era, mas de uma maneira diferente. Hoje, “Mexer-se não é mais deslocar-se de um ponto a outro da superfície terrestre, mas atravessar universos de problemas, mundos vividos, paisagens dos sentidos. (...) Somos imigrantes da subjetividade. (...) Mesmo que não nos movêssemos, o mundo mudaria à nossa volta. Ora, nós nos movemos. (...) Passamos de uma humanidade a outra.”³⁵

Por isso, não podemos nos deixar acontecer na atual sociedade como se ainda estivéssemos caminhando ao lado de Moisés com seu cajado na mão. Hoje, não há mais *um* Moisés, mas *muitos* e o cajado não se transforma em cobra, mas é um dispositivo que se conecta a coletivos inteligentes através da internet.

Com o desenvolvimento das *nanobioteχνologias*, não só a maneira de nos relacionarmos com os outros está em cheque, mas também a maneira de nos relacionarmos com o nosso próprio corpo, estética e intelectualmente. Sabemos que somos seres inacabados, em processo, mas o processo acelera-se de maneira brutal na atual sociedade. Vivemos uma época de mutabilidade humana interior constante, impulsionada não mais por suportes geográficos de poder (econômico, político, intelectual, religioso), mas pela própria capacidade de interagir, comunicar-se, receber e compartilhar conhecimento e informação. O que chamamos de inteligência coletiva é essencialmente comunicativo, colaborativo e abrange a pessoa como um todo, de maneira integral. Abrange o seu saber-viver (*savoir-vivre*), sua experiência de vida, independente de diploma e/ou título, sem fronteiras, limites ou molduras.

O suporte (domínio da escrita, livro, professor, especialista, etc) não é mais o único, nem o melhor caminho para o conhecimento, pois ele agora é formado por infinitas vias de mão dupla (interativas) e pode estar disponível para consulta, colaboração e reconstrução.

A religião é provavelmente o espaço antropológico por excelência e por isso deve ser parte atuante e vivificante desse novo dinamismo coletivo-comunitário. Os mitos e os ritos

34 LÉVY. *Inteligência Coletiva*, p. 12.

35 LÉVY. *Inteligência Coletiva*, p. 14.

são modos de conhecimento do mistério de Deus, revelado e anunciado pelo coletivo Igreja na pessoa de Jesus Cristo.

A inteligência coletiva não diz respeito apenas à cooperação intelectual, mas vai além, podendo ser uma base de conhecimento coletiva, criada, mediada e atualizada pela tempestade de ideias (*brainstorming*), pela mediação de conflitos (entendimento) e pelo “trabalhar em comum acordo”.³⁶ Pierre Lévy aponta um futuro que “organiza-se em torno de dois eixos complementares: o da renovação do laço social por intermédio do conhecimento e o da inteligência coletiva propriamente dita”.³⁷

Essa nova maneira de estabelecer laços sociais, intermediada por suportes tecnológicos, inaugura uma *civilidade desterritorializada*, que não possui acento, nem na pertença étnica, nem nacional ou mesmo religiosa, mas na relação com o saber. Se a religião também é um espaço do saber, também podemos ser uma *Igreja que navega* e que se faz presente na relação virtual *pessoas-pessoas*.

É verdade que “ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa.”³⁸ É desse axioma que parece nascer o conceito *inteligência coletiva* para Pierre Lévy. Então, podemos dizer que a plenitude do saber estaria apenas no coletivo humanidade, na dinâmica comunitária de compartilhar experiências e saberes. Algo extremamente semelhante à experiência comunitária de fé do coletivo Igreja. O saber é algo encarnado na sociedade, não é um ente externo, pois se apresenta no concreto da vida: no fracasso e na conquista, no acertar e no errar, no pecado e na graça.

Concluimos então que o novo conceito de identidade passa pela via da experiência e da intelectualidade dos coletivos tribais e/ou virtuais, entre eles, a Igreja local-virtual.

5. O que apontam as instituições religiosas

Limitar-me-ei a abordar as experiências da Igreja Católica e as possíveis soluções apontadas por esta instituição. Algumas notícias:

*Milão, 25 fev (RV) - O cardeal-arcebispo de Milão, Dionigi Tettamanzi, utiliza o site na internet, Youtube, para responder às perguntas dos milaneses e dialogar com eles sobre o tema do batismo no tempo da Quaresma. Trata-se de uma atitude inovadora do cardeal Tettamanzi de utilizar a internet, meio de comunicação preferido dos jovens, para evangelizar. Tal atitude não deixou de surpreender alguns membros da cúria de Milão, acostumados às formas tradicionais de contato com o público.*³⁹

*VATICANO (Reuters) - Por Deus, tenham um blog!, disse o papa Bento XVI aos padres católicos neste sábado, afirmando que eles devem aprender a usar novas formas de comunicação para espalhar as mensagens do evangelho.*⁴⁰

Com base na experiência do cardeal-arcebispo de Milão, Dionigi Tettamanzi, aventurei-me na criação de um *blog*,⁴¹ onde divulgo os resultados desta pesquisa e onde também

36 LÉVY. *Inteligência Coletiva*, p. 26.

37 LÉVY. *Inteligência Coletiva*, p. 26.

38 LÉVY. *Inteligência Coletiva*, p. 29.

39 Publicado no site Notícias da Igreja <http://portalcot.com/br/noticias/arcebispo-de-milao-utiliza-o-youtube-para-responder-as-questoes-dos-fieis/> – última visita: 18/06/2010.

40 Fonte Reuters: <http://br.reuters.com/article/internetNews/idBRSPE60M04720100123> – última visita: 18/06/2010. Na internet também é possível visitar o blog não oficial de Bento XVI: <http://thepopeblog.blogspot.com/> – última visita: 18/06/2010.

41 <http://www.alexandrangel.teo.br/> – última visita: 18/06/2010.

respondo o questionamento teológico de integrantes do movimento de jovens da Igreja Católica do qual faço parte, Movimento de Oásis da Ilha do Governador. E onde também posso trocar-compartilhar informação e conhecimento teológico com amigos e amigas que estudam teologia na PUC-Rio.

Outra experiência importante para o desenvolvimento da pesquisa foi a assessoria que prestei para a diocese de Volta Redonda e Barra do Piraí, para o Mutirão de Comunicação Diocesano, realizado no Centro Pastoral de Arrozal em Piraí-RJ, nos dias 30 e 31 de maio de 2009, cujo tema foi *Centros de Informática nas Comunidades* e o lema *A Pascom trabalhando pela Inclusão Digital*. Ao abordar temas como: sociedade da informação e da comunicação; cibercultura e evangelização; software livre; e a revolução dos blogs, além de verificar um rico material no site da diocese, percebi que todos que estavam ali participando daquele Mutirão já tinham, de alguma forma, mergulhado na cibercultura e procuravam agora tentar potencializar o uso da internet para poderem anunciar a *Boa Nova* com mais qualidade.

O novo arcebispo da diocese do Rio de Janeiro, D. Orani Tempesta, é a favor do uso da interatividade própria da cibercultura para se comunicar com os fiéis e com todos que desejem entrar em contato com ele ou com a diocese. Ele utiliza o ciberespaço e suas ferramentas para alertar das armadilhas que o jovem pode encontrar no mundo virtual, bem como para falar do bom uso e das potencialidades que este espaço pode oferecer para toda a Igreja.⁴²

Em 20 de maio de 2009 o Vaticano criou um portal para melhorar a sua comunicação com a juventude, o *Pope2You*.⁴³ Nele é possível conhecer melhor o Papa e as ações da Igreja Católica através da comunidade de relacionamento *Facebook*⁴⁴ e/ou assistir vídeos no canal do Vaticano no *YouTube*.⁴⁵ Um passo importantíssimo para o diálogo com as juventudes das atuais sociedades globalizadas.

A Mensagem do Papa Bento XVI para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, “O sacerdote e a pastoral no mundo digital: as novas mídias a serviço da Palavra”⁴⁶, é um anúncio que deve nos mostrar-revelar que o Espírito (*pneuma*) sopra até mesmo no mundo virtual, até mesmo no ciberespaço. Não há limites, nem molduras, nem fronteiras para o sopro do Espírito, porque ele “sopra onde quer” (Jo 3,8). Por isso, também podemos fazer das novas mídias, *terra fértil para plantar árvores que produzam bons frutos*.

Porém, as ações pastorais das Igrejas locais ainda se limitam à replicação do conteúdo das mídias tradicionais (revistas, informativos, folhetos, jornais, etc) no ciberespaço, subutilizando as ferramentas da internet e a potencialidade colaborativa e comunicativa das *comunidades virtuais*. Muitos documentos importantes, que deveriam estar disponíveis para um fácil acesso dos fiéis, só podem ser acessados através dos antigos suportes (livros, especialistas, etc) e não estão disponíveis em meios digitais. Também é verdade que boa parte dos principais documentos podem ser acessados no sítio do Vaticano, mas todos se encontram traduzidos para o português de Portugal.⁴⁷ Assim como ainda é necessário se recorrer a sítios alternativos para se conseguir acessar os documentos finais das Conferências Gerais do Episcopado Latino Americano e do Caribe em português [do Brasil].

Por isso, o grande desafio para a Igreja atual está em olhar a pessoa não mais de maneira individual, mas como participante, *atora* de uma ou mais comunidades virtuais e conectada

42 <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=4784730> – última visita: 18/06/2010.

43 <http://www.pope2you.net/> – última visita: 18/06/2010.

44 http://www.pope2you.net/index.php?id_testi=4 – última visita: 18/06/2010.

45 http://www.pope2you.net/index.php?id_testi=7 – última visita: 18/06/2010.

46 BENTO XVI. *O sacerdote e a pastoral no mundo digital: as novas mídias a serviço da Palavra – Mensagem do Papa Bento XVI para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 24 de janeiro de 2010,

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day_po.html – última visita: 18/06/2010.

47 http://www.vatican.va/phome_po.htm – última visita: 18/06/2010.

com outras mais, onde não há mais uma hierarquia que dirige e domina, mas uma relação profícua de saberes entre iguais que possuem experiências diferentes, evitando assim qualquer desperdício de riqueza humana.

Uma vez vencido este desafio, será possível a redação de documentos oficiais com a colaboração simultânea de diferentes Igrejas locais (ministério ordenado, teólogos e agentes de pastorais), em diferentes línguas, fazendo com que as diferentes realidades pastorais se façam contempladas, bem como o *sensus fidelium*.

6. Uma imagem ciberculturada para Igreja hoje

Quando pensamos numa imagem da Igreja, devemos lembrar sempre das imagens paulinas, utilizadas pelo apóstolo Paulo de Tarso para facilitar a compreensão da *Boa Nova* que ele anunciava e para mostrar a importância da edificação da comunidade na caminhada da fé e do seguimento de Jesus Cristo.

Para expressar a realidade da comunidade que se reunia em nome de Jesus, que chamamos de Igreja, o apóstolo Paulo prefere empregar três imagens conhecidas do povo, às quais dá um novo significado, para possibilitar entender melhor suas definições e categorias: Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito. (...) Utiliza imagens porque esta linguagem simbólica comunica o significado do seu pensamento sobre esta comunidade nova, a Igreja, de maneira imediata.⁴⁸

Assim como Paulo, a internet utiliza várias imagens para comunicar de maneira mais rápida e imediata o significado daquilo que pretende *dizer* aos seus usuários e usuárias. E como já vimos acima, o ciberespaço está estruturado em comunidades virtuais de interesse comum que se conectam a outras comunidades virtuais, tendendo para o infinito, transpassando o virtual através de seus tentáculos e causando interferências nas comunidades tribais estruturadas na realidade real. Querendo ou não, o virtual funde-se com o real, construindo uma única realidade, da qual todos fazemos parte.

O apóstolo Paulo, após visitar uma comunidade, continuava a se corresponder com ela através de suas cartas, a fim de manter viva a sua palavra, a fé e a esperança daqueles que creram no Evangelho anunciado por ele. Certamente, se São Paulo estivesse convivendo conosco, ele lançaria mão de todos os meios de comunicação disponíveis para comunicar a *Boa Nova* para toda a humanidade. Ele faria muitas *viagens* pela internet e por suas comunidades virtuais a fim de lançar as sementes do Reino por todo o mundo real e virtual, para comunicar o Deus que se tornou inteligível (cf. Rm 1,20).

Esse pensamento Paulino e as pessoas interligando-se com outras, dando origem a cidades⁴⁹ (comunidades urbanas), me incentivou a tentar estruturar uma nova imagem para a Igreja atual. Uma imagem que comunique ao jovem o significado de ser Igreja de maneira rápida, imediata e comunitária. Assim, a Igreja seria uma *Comunidade Virtual Viva*, onde cada comunidade virtual que a constitui seria um *nó* (*um ponto de acesso*) de uma *rede*. Um *nó-virtual* de uma *rede-virtual*.

A força (*dynamis*) que une (conecta) cada nó-virtual para criar essa rede-virtual é a energia elétrica (*uma luz*). Temos então uma rede-virtual onde cada nó-virtual está ligado ao outro por uma força invisível (*o Espírito Santo que é a dynamis da pessoa*). Este nó ou comunidade virtual está unido a outras comunidades virtuais através dessa mesma força,

48 TEPEDINO, Ana Maria. *Encontro com a Igreja de Jesus Cristo (Eclesiologia)*, Coleção Iniciação Teológica, Departamento de Teologia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006, p. 31.

49 LIBANIO, João Batista. *As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2ª edição, 2002, p. 9.

formando uma rede-virtual, que se encontra no ciberespaço. E cada comunidade virtual (*Igreja Local*) possui as mesmas potencialidades do ciberespaço (*Igreja Universal*). As comunidades virtuais são coletivos vivos, porque são compostas por pessoas, por seres humanos que estão ali reunidos por um interesse comum (*comunhão*), para construir algo que seja útil para todos os membros da comunidade (*edificação da comunidade*), com a participação de todas as pessoas (*ação co-criadora do ser humano*, cf. Gn 2,19s). Esse algo, nós chamamos de base de conhecimento coletiva e colaborativa (*sementes do Reino de Deus*).

Eu diria que a comunidade virtual viva é um movimento social criado-provocado por jovens metropolitanos escolarizados (*povo de Deus*), ávidos por experimentar uma nova maneira de se comunicar, de comunicar algo novo (*Boa Nova*), de maneira dinâmica, interativa e com liberdade (sem fronteiras, molduras ou limites). Uma liberdade moderada, pois em toda comunidade virtual viva existe a figura do Animador (*Cristo / Apóstolos*) que é o moderador, o mediador desta. Ele é quem motiva, impulsiona e guia a comunidade, sendo exemplo de participação ativa e afetiva para os outros participantes.

Criamos assim uma estrutura espiral, que busca no passado (na base de conhecimento criada e alimentada pela ação pastoral-coletiva) algo para ser atualizado no presente, a estrutura das primeiras comunidades cristãs, onde a “*oralidade original, o saber pode ser novamente transmitido por comunidades humanas vivas, pelo intérprete. O saber não é mais fornecido por suportes separados (por quem domina o conhecimento: Aristóteles, Confúcio, etc) ou sábios (cientistas, enciclopédias)*”.⁵⁰

Por fim, essa estrutura necessita de uma infraestrutura, que existe na figura simbólica do *Pai*, no provedor internet que hospeda a comunidade virtual. É ele quem a cria, define as regras de uso e fornece um espaço em *megabytes* para que a comunidade possa crescer e construir sua base de conhecimento coletiva, colaborativa e de maneira fraterna (alteridade).

Os elementos dessa imagem da Igreja são: 1) Energia Elétrica = força (*dynamis*) = Espírito Santo; 2) Comunidade Virtual = Igreja local; 3) Ciberespaço = Igreja universal; 4) Jovens = Povo de Deus; 5) Interesse Comum = Comunhão; 6) Base de Conhecimento Coletiva e Colaborativa = Sementes do Reino de Deus; 7) Comunicar algo novo e de maneira nova = Boa Nova; 8) Animador / Mediador = Cristo / Apóstolos / Discípulos / Discípulas; 9) Provedor = Pai; 10) Vírus = Falsas Doutrinas; 11) Apagar (deletar) / banir alguém da comunidade = Excomunhão; 12) Cadastro = Batismo.

O batismo acontece quando a pessoa, ao mergulhar no ciberespaço, descobre que o virtual participa do real, não o substitui, mas sim multiplica as oportunidades para atualizá-lo, fazendo com que a comunidade real transpasse a comunidade virtual, prolongando-se e tornando-se o fundamento desta última (*dimensão comunitária / dependência*).

7. Conclusões

7.1. Evangelização ciberculturada

Cibercultura e Evangelização parecem ser, a princípio, coisas antagônicas, pois enquanto uma promove o encontro pessoal no real, a outra abre inúmeras possibilidades para o encontro pessoal-virtual no ciberespaço. Porém, as juventudes urbanas, atuais e reais, se movimentam quase que exclusivamente no virtual, se relacionando através de inúmeras comunidades virtuais (*Orkut, MySpace, Facebook, YouTube*⁵¹, etc), buscando e produzindo informações em *blogs* e/ou em *wikis*. Por isso devemos encontrar uma maneira de também nos apoderar dessa nova realidade, para fazer dela um lugar, um espaço para a evangelização.

⁵⁰ LÉVY. *Cibercultura*, pp. 163-164.

⁵¹ Segundo Jorge Dib, um dos diretores da Google no Brasil, o YouTube recebe horas de vídeos postados por minuto, e são reproduzidos mais de 5 bilhões de vídeos por mês – cf. TELLES. *Geração Digital*, p. 114.

E, talvez, a melhor maneira para isso seja a promoção do uso maduro do ciberespaço, não como um substituto para o real, mas como complemento e possibilidade de ampliação do real⁵², pois querendo ou não, gostando ou não, o virtual já se fundiu ao real, construindo uma única realidade da qual participamos ativa ou passivamente.

Podemos afirmar que esse espaço virtual é real, apesar de não ser sólido, concreto, feito de tijolo e cimento. Podemos afirmar isso porque, podemos vê-la e interagir dinamicamente com ela, com um virtual que nos interpela no real e que o faz através das nossas funções cognitivas humanas. Daí chamarmos esse virtual de realidade virtual. O mesmo podemos dizer da nossa relação com o transcendente, é uma relação real, revelada por Jesus Cristo, e ao mesmo tempo virtual, envolvida pelo mistério de Deus e do coletivo Igreja.

Isso significa que podemos perceber esse novo espaço, caminhar virtualmente ao navegar por essa cultura nova e ainda, promover o encontro pessoal para a evangelização. Porém, não basta apenas estar munido de todas as ferramentas das TICs, nem mesmo conhecer profundamente o que é evangelizar, se não estivermos capacitados (inculturados) para participar dessa nova cultura: sem saber o que buscar e onde buscar informação; sem saber como participar dos processos de construção de coletivos inteligentes; sem saber o que é informação e conhecimento e o que é lixo eletrônico; sem saber onde se encontram, se completam e se diferenciam a realidade real e a realidade virtual.

Talvez a pouca participação da comunidade eclesial no ciberespaço tenha contribuído para que os jovens sigam afirmando que têm fé, mas não têm religião,⁵³ para que expressem 35 mil respostas diferentes para pergunta: “qual é sua religião?”⁵⁴

Parece então que o desafio para Igreja hoje é de ser também *comunidade eclesial virtual*, para que seja capaz de anunciar de maneira atual a *Boa Nova*.

7.2. A Era da cooperação humana virtual

Na atual sociedade globalizada não há mais invenção ou inovação particular e/ou individualizada, tudo se constrói agora através de coletivos inteligentes (coletivo de especialistas e/ou coletivo de coletivos). As novas descobertas científicas não levam mais o nome de um ou outro cientista, simplesmente porque agora são eminentemente desenvolvidas por grupos que colaboram entre si.

Como exemplo, podemos citar o caso da descoberta da possibilidade de se induzir células-tronco adultas, para que estas passassem a ter características *pluripotenciais* que só seriam encontradas nas células-tronco embrionárias. A divulgação dos resultados da pesquisa foi feita pelo cientista japonês Shinya Yamanaka, líder de um grupo de cientistas (coletivo inteligente) da Universidade de Kioto (coletivo de coletivos) e a descoberta não levou o seu nome. Outro exemplo que podemos citar para afirmar o retorno do comunitário, é a volta da febre das figurinhas com o álbum da Copa do Mundo. Interesse comum que fomentou a criação de novas comunidades tribais com o objetivo de compartilhar e trocar *papel* em plena era digital.

É bem verdade que essa nova comunidade, edificada por um interesse comum, não reconstrói as mesmas relações sociais e afetivas de outras épocas, onde o coletivo se sobrepunha ao individual, mas também não aponta mais para uma sobreposição do individual sobre o comunitário, como acontecia com na pós-modernidade. A nova comunidade se constrói através da sinergia entre seus integrantes e o suporte (livro, especialista) não é mais importante que o saber individual, pois existe um caos de informação disponível para acesso a

52 Cf. LÉVY. *Cibercultura*, p. 88: “O virtual não ‘substitui’ o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo”.

53 Segundo pesquisa da antropóloga Regina Novaes, a pedido do IBGE para o Censo 2000, 56% dos jovens entrevistados afirmaram “ter fé, mas não ter religião”.

54 Ibid.

qualquer instante em qualquer lugar no ciberespaço. O que importa agora é saber navegar e orientar-se na maré informacional da internet.

Não é o *download* por demanda, mas o *brainstorming* por colaboração coletiva que fará a diferença e construirá este novo espaço antropológico desterritorializado. Ou seja, não é mais a informação difundida em massa e em várias mídias, mas a audácia da imaginação, da reflexão e da emoção pessoal particular, disponíveis para o coletivo, para a comunidade viva (de pessoas com interesse comum), que construirá os novos laços sociais e religiosos.

Percebemos então que há uma nova engenharia do laço social tanto nas *comunidades tribais*, quando nas *comunidades virtuais*. Assim como também há uma nova maneira de buscar, transmitir e compartilhar o conhecimento através delas. Então, não só há uma nova engenharia do laço social nesses novos coletivos, como também, uma nova relação do ser humano com a questão epistemológica. O ato de conhecer e produzir conhecimento é reorganizado internamente pelo uso das TICs.⁵⁵ Ou seja, a relação com o conhecimento se torna anárquica (infinitos coletivos inteligentes), enquanto que na modernidade era cartesiana. Os laços sociais, apesar de ainda preservarem o individual-coletivo pós-moderno, são construídos na relação coletivo-comunitário.

A modernidade é o tempo do “*eu penso, logo eu existo*”, a pós-modernidade “*eu estou pensando e sentindo, por isso eu existo no coletivo*” e no atual momento “*nós formamos uma inteligência coletiva-afetiva, logo nós existimos eminentemente como comunidade.*”⁵⁶

Então, a minha intuição é de que a pós-modernidade já é passado e o fenômeno das *tribos* de Maffesoli já indicaria – ou mesmo já participaria de um novo momento da humanidade – um período de transição e o surgimento de uma nova cultura. Uma cibercultura que se funda sobre o prazer de viver a coletividade e sobre os coletivos inteligentes das *comunidades virtuais* de Pierre Lévy. Por isso ousou afirmar que já vivemos uma nova *era*, uma *era* caracterizada pela *cooperação humana virtual*.

O virtual deve ser compreendido como uma parte real da realidade, como já abordamos acima, e não somente como um espaço gerado pelo uso das TICs na cibercultura.

Logo, penso eu que este retorno ao comunitário seja uma oportunidade ímpar para o coletivo Igreja, para o anúncio da *Boa Nova* e para a atividade missionária dos novos discípulos e discípulas numa pastoral ciberculturada. Mas, para que isso aconteça, será necessário uma boa formação e uma maior participação da comunidade eclesial nas realidades virtuais.

8. Referências Bibliográficas

Livros

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.
- *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, Nova edição, revisada e ampliada, Ed. Paulus, SP, 2002.
- DESCARTES, René. *Discuso sobre o Método*, Hemus-Livraria Editor, SP, 1978.
- *DOCUMENTO DE APARECIDA* – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Editora CNBB, Paulus e Paulinas, 10^a edição, 2009.
- ESQUIROL, Josep M. *O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia*, Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2008.
- FRANÇA MIRANDA, M. *Inculturação da Fé*, Edições Loyola, São Paulo, SP, 2001.
- _____. *A Salvação de Jesus Cristo* – A doutrina da graça, Edições Loyola, SP, 2004.

55 Essa mesma intuição é compartilhada pelo professor do MBA de Gestão de Conhecimento do CRIE / Coppe / UFRJ, doutorando em Ciência da Informação e bolsista FAPERJ, Carlos Nepomuceno, no seu blog - <http://nepo.com.br/2010/05/31/as-tres-eras-cognitivas/> – última visita: 18/06/2010.

56 LÉVY. *Inteligência Coletiva*, p. 32.

- GARCÍA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, Editora Paulus, São Paulo, Brasil, 4ª edição, 2006.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*, Editora Nova Cultural Ltda., SP, 1999.
- KEEN, Andrew. *O Culto do Amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2009.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, Editora 34, São Paulo, Brasil, 2000.
- _____. *Inteligência Coletiva*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2003.
- LIBANIO, João Batista. *As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2ª edição, 2002.
- LIPOVETSKY, G. *Metamorfoses da Cultura Liberal*, Editora Meridional, Porto Alegre, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *O Elogio da Razão Sensível*, Editora Vozes, Petrópolis, 1998.
- *MANUAL DE REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS*, realização: Conectas – Direitos Humanos Universais e Friedrich Eberto Stiftung.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Carta de Paulo aos Romanos – Educar para a maturidade e o amor*, Mazzarolo editor, Rio de Janeiro, 2006.
- PAULO VI. *Unitatis redintegratio – sobre o ecumenismo*. Tradução: Francisco Catão, Vaticano II – Mensagens e Discursos, Editora Paulinas, São Paulo, SP, 1998.
- TELLES, André. *Geração Digital*, Editora Landscape, São Paulo, Brasil, 2009.
- TELLES, Maria Luiza Silveira. *Sociologia para jovens*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1993.
- TEPEDINO, Ana Maria. *Encontro com a Igreja de Jesus Cristo (Eclesiologia)*, Coleção Iniciação Teológica, Departamento de Teologia da PUC-Rio, RJ, 2006.
- WITTEGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Ed. Nova Cultural Ltda., SP, 1999.

Artigo de revista

- NOVAES, Regina. *Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos*. Revista Estudos Avançados 18 (52), publicação quadrimestral do Instituto de Estudos Avançados da USP, 2004, p. 321-330, SP.
- *REVISTA ÉPOCA*, Editora Globo S.A., São Paulo, 15 de junho de 2009.

Artigo de revista eletrônica

- BENTO XVI. *O sacerdote e a pastoral no mundo digital: as novas mídias a serviço da Palavra* – Mensagem do Papa Bento XVI para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2010, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day_po.html – última visita: 18/06/2010.
- NEPOMUCENO, Carlos. *Blog “Nepôsts – Rascunhos Compartilhados”*, <http://nepo.com.br/> – última visita: 18/06/2010.
- *RITS*, http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmes_fev2007.cfm – última visita: 03/07/2009.
- SANTOS, R. E. dos e CARDOSO, J. B. (Org.). *Mutações da Cultura Midiática*, Ed. Paulinas, São Paulo, 2009.
- *SOCID*, <http://www.socid.org.br/> – última visita: 18/06/2010.